



Porque o mundo é dos homens?

Durante séculos vivemos como se fosse parte do “destino natural” de nós mulheres sermos seres menores, como se nosso corpo carregasse um “destino biológico” que nos coloca como inferiores aos homens. Lutamos, e foi só a partir da organização da nossa luta que conseguimos enfrentar dentro e fora de casa o que nos era colocado como destino, e em parte, romper com essa situação.

O direito de decidir sobre fazer coisas simples como falar, andar na rua, conversar com a vizinha; decidir sobre o que fazer com nosso tempo, sobre no que trabalhar, estudar ou não, casar ou não e com quem, ter filhos ou não, durante a história foi negado a nós mulheres, inclusive o direito de escrever a história. Na verdade é como se o direito de decidir não fosse nosso, e sim do pai, do marido, do padre ou pastor, do médico,

do juiz, dos deputados, reis e presidentes - como se a vontade deles sobre nossa vida tivesse mais valor à nossa.

Mas nós sabemos o que queremos, e queremos o direito de expressar nossas vontades, decidir sobre nossa vida, nosso corpo, nossa terra, partilhar as decisões sobre nossa comunidade.

Mas por que parece que o mundo é dos homens?

Tratadas como seres “**naturalmente**” menores que os homens, o que se fala teve, e continua tendo, o grande poder de fazer parecer que é assim mesmo, que isso é o “normal”, para fazer que o poder de mando deles não fosse questionado.

E falam, e repetem, que somos mais fracas, “naturalmente” incapazes, inclusive usam a ciência deles para tentar “comprovar” isso. Falam que sentimos demais, que nossa personalidade é instável, que somos regidas pelo útero, indisciplinadas, acomodadas, responsáveis pelo que dá errado no mundo, nos culpam até pelo pecado, e ainda falam que falamos demais.

O que falam e o que fazem anda de mãos dadas para “demarcar” lugares no mundo como lugares que não seriam das mulheres.

Podemos lembrar de alguns desses lugares “proibidos para as mulheres”?

Durante muito tempo a escola não era um lugar para nós, ainda somos a maioria das analfabetas no Brasil e no mundo, mesmo no espaço dos movimentos, sair para formação é algo que eles podem mais que nós. Tentaram nos convencer também que qualquer coisa feita fora de casa, na rua, no espaço público não era “coisa de mulher”. E mesmo quando é o nosso trabalho que sustenta uma instituição, a igreja, por exemplo, a autoridade é do homem. O poder de decidir sobre os rumos da comunidade ao país é deles, também o direito ao voto conquistado com sangue em muitos países; praticamente todos os políticos são homens; as leis são feitas por eles; e eles contratam outros para que a lei deles seja cumprida; a polícia e o exército.

Se de um lado há “**lugares proibidos**” para nós, de outro, há o “**lugar das mulheres**”: a cozinha, os filhos e o marido, todo o trabalho da casa, feito como se não fosse um trabalho e sim nosso “dom natural” e por isso nossa “obrigação”, sempre ligada ao amor a nossa família e ao nosso caráter de “boa mulher”.

Essa **separação** das coisas, dos papéis, acontece porque quando começamos a viver em sociedade, se formou um grande sistema de poder, de privilégio, onde uma parte de nós seres humanos - o conjunto dos homens - submete e oprime a outra parte, - nós mulheres. Esse é o primeiro jeito de organizar a opressão, o primeiro sistema, e é chamado de **patriarcado**. Cercaram a terra, e inventaram essa coisa de ser dono: a **propriedade privada**. Cercaram também **nosso corpo**, como forma de dominação, para garantir que os filhos fossem seus herdeiros.

Convivemos com outro sistema de privilégios, onde os patrões, empresários, grandes donos de terra dependem da exploração do nosso trabalho para terem o seu lucro - **o capitalismo**.

No mundo organizado entorno do lucro, no mundo capitalista, os papéis separados, associados a poder e certo valor, passam a estar definitivamente associados ao dinheiro.

A tentativa de marcar o que fazemos como um “não trabalho”, algo menor, inferior na **hierarquia**, faz com que nosso trabalho, quando não é gratuito, corresponda a um salário também menor. Por isso somos a maioria da população pobre do mundo.

